

XVI

A investigação comunista

O argumento central de todo este esforço teórico poderia ser resumido da seguinte maneira: o processo de periferização do capitalismo torna o trabalho dos comunistas ainda mais concreto e necessário, uma vez que não podemos mais depender de certas tendências históricas excepcionais para produzir uma convergência estrutural entre as lutas proletárias. Como argumentamos também, essa constatação não justifica a criação de uma cúpula de militantes de vanguarda responsáveis por realizar tarefas especiais, selecionados por terem uma compreensão da realidade do capitalismo melhor do que a dos demais. Serve, antes, de motivação para que elaboremos novas ferramentas teóricas e práticas para reconhecer por que as lutas se organizam de formas tão diferentes entre si e para navegar essas diferenças a partir dessas próprias inserções localizadas. Assim, as práticas que permitiriam a construção do movimento comunista não formam um conjunto totalmente separado de tarefas, mas uma reformulação das práticas que já precisamos dar conta em nossas lutas isoladas, tendo em vista a contradição entre nossa perspectiva política particular e a perspectiva da totalidade das lutas em curso. E mais, essa reformulação – que dá relevo aos experimentos, tecnologia e enquetes, diferentes dimensões da prática comunista – não é possível sem o trabalho concreto de articulação, pois é a construção prática de conexões e trânsitos entre lutas que efetivamente produz novas composições, formas de interação e de percepção. Vale reiterar: há mais atuação comunista em uma articulação pequena e situada entre dois movimentos ou territórios do que em qualquer discurso anti-sistêmico radical que circule exclusivamente em um único espaço político.

Ainda assim, é possível reunir o conjunto dessas práticas – na medida em que são atravessadas pela contradição entre as partes e o todo do movimento revolucionário – e chamá-las de investigações comunistas. “Investigações”, pois o

ponto de partida de experimentos, tecnologias e enquetes políticas é um engajamento com a realidade das lutas concretas, munidos de ferramentas tanto para aprender sobre como se organizam quanto para situar esses processos no contexto das lutas proletárias como um todo. “Comunistas”, pois o propósito da investigação é justamente destacar os elementos comuns das diferentes lutas, descortinando, quando possível, as situações e condições de construção concreta de uma totalidade política maior.

O desafio do encadeamento e da escala

Até agora, exploramos essa contradição apenas como uma maneira de situar a diferença posicional entre base, militantes, organizadores e comunistas sem depender de uma hierarquia onde pessoas distintas precisam se dedicar a cada função. Como repetimos muitas vezes, não apenas é comum que a base de uma luta seja formada parcialmente por militantes e que muitos desses sejam organizadores da luta – e muitos organizadores sejam também comunistas – mas é muito provavelmente impossível que existam comunistas que não atuem nem como organizadores ou militantes de lutas particulares. Mas há ainda um outro aspecto da dialética entre as partes e o todo do movimento revolucionário que não discutimos, e que aproxima e contrasta o campo da construção comunista da lógica dos mundos sociais.

Fomos bastante esquemáticos em nossa exposição das diferentes lógicas sociais, de suas misturas e maneiras de integrar e dominar o tecido social. Não poderia ser diferente, em parte, por conta da restrição de espaço do texto e, em parte, por conta do compromisso de usar abstrações para preservar a necessidade de que investigações concretas preencham a teoria a partir da realidade e do pensamento das lutas reais. Mas há uma dimensão organizacional que ficou implícita em toda essa exposição prévia e que precisa ser apresentada de forma mais direta agora, a saber, o fato de que as lógicas sociais precisam se articular localmente, regionalmente e globalmente para garantir sua dominância efetiva.

Na teoria do valor marxista, esse processo é descrito formalmente em termos da diferença entre: (1) a forma “acidental” do valor, que apenas garante uma única troca entre equivalentes, sem nenhuma necessidade de que outras trocas respeitem a proporção específica dessa equivalência particular; (2) a forma “expandida”, que já começa a criar alguma coerência regional entre os valores de mercadorias; (3) a forma do “equivalente universal”, que permite uma rede de trocas consistente, ao eleger uma única mercadoria como medida geral; e (4) a “forma-dinheiro”, que sedimenta essa coerência no corpo mesmo da mercadoria selecionada como equivalente universal. Esse processo é complexificado ainda mais ao longo dos demais livros do *Capital*, se enraizando na esfera produtiva, no surgimento dos processos de valorização, de reprodução dos capitais, etc. Em seu cerne, o que Marx está descrevendo é como a lógica do valor precisa se transformar para garantir que, à medida em que integra mais e mais relações sociais, permaneça capaz de exercer domínio e pressão sobre a vida social – caso contrário, os mercados de cada cidade poderiam decidir sozinhos o que fazer, desconsiderando que o preço do trabalho e de outras mercadorias em outros lugares é diferente, por exemplo.

Esse requisito de construir redes consistentes, no nível local, depois regional e por fim global é muito importante e também vale para as demais lógicas sociais: a propriedade só pode se tornar um princípio dominador em Impérios se conquistar uma coerência própria local – quando uma comunidade assujeita outra provisoriamente; regional – quando esse regime ganha estabilidade; e global – quando consegue estabelecer formas de controle partilhadas por diversas comunidades sob um mesmo domínio, etc*. Muitos já apontaram a similaridade entre o dinheiro e o soberano, ambos capazes de espelhar de volta para fragmentos sociais sua “substância” comum e unificadora. E o mesmo vale também para a afinidade, que se desdobra em redes de troca e parentesco das mais diversas a fim de formar regimes sociais com alguma coerência interna.

É importante ressaltar esse processo pois, apesar de não poder contar com a ideia de “coerência lógica” que facilita a concatenação do valor, propriedade e afinidade

em organizações cada vez maiores e mais robustas, a construção comunista também precisa lidar com a produção e reprodução de redes locais, regionais e globais de articulação. É uma necessidade que decorre diretamente da ausência de uma tendência convergente estrutural, conectando organicamente os focos de luta por todo o canto em uma grande força internacional. Nesse sentido, podemos desdobrar o campo das investigações comunistas – dos experimentos, tecnologia e enquetes – também a partir da escala e do tipo de estabilidade que as formas políticas que inventamos conseguem alcançar.

Investigação pontual

Nesse sentido, a primeira forma possível de investigação é a investigação pontual. Trata-se da articulação mais simples – “acidental”, para usar o termo de Marx – entre duas organizações: reuniões entre militantes de diferentes grupos, ações conjuntas, ou conversas com uma base ligada a ambos coletivos. Trata-se de uma investigação, pelo menos para os comunistas envolvidos nesses encontros, pois são todas oportunidades de aprender, através da articulação momentânea, se existe algo entre os processos políticos envolvidos que poderia servir de matéria para uma construção comum.

No entanto, o caráter episódico desse tipo de investigação cria uma dificuldade importante. Sabemos que o papel da investigação é conhecer, pensar e praticar as lutas sob o ponto de vista comunista, mas em contextos tão restritos é difícil separar as similaridades e diferenças que imaginamos existir daquelas que realmente existem no nível organizacional. Um exemplo onde isso fica claro é no caso de investigações pontuais que acontecem como reuniões entre militantes de organizações distintas: nesses casos, a presença das organizações é quase exclusivamente mediada por aquilo que alguns de seus participantes têm a dizer de suas lutas e muito pouco da dinâmica real desses processos informa o encontro e se faz sentir diretamente. Para complicar, o esforço de compreender uma estrutura por trás do comportamento individualizado é em geral pensado, nas esquerdas, como um esforço “crítico”, que serve para denunciar que, por trás dos grandes

discursos, normalmente operam forças conservadoras e reacionárias – e esse não é o objetivo das investigações comunistas.

Ainda que, certamente, muitas vezes discursos revolucionários ocultem práticas muito menos radicais, o propósito central da investigação comunista é nos ajudar a encontrar elementos organizacionais em comum, muitas vezes ocultos atrás dos debates ideológicos e teóricos extremamente saturados dos militantes, especialmente quando se apresentam para terceiros. Acontece que a investigação pontual tem poucos recursos para produzir esse contraste produtivo sem reduzi-lo à mera crítica. Conversas francas com pessoas de fora da nossa organização, a constatação de que ao agirmos juntos produzimos efeitos políticos melhores que agindo separadamente, bem como o “choque” de descobrir que certos trabalhadores não enxergam tantas diferenças assim entre nossos grupos, tudo isso pode de fato ajudar a criar uma perspectiva nova sobre o que fazemos e os limites e possibilidades de articulações entre nós. Mas essa nova perspectiva é igualmente accidental, assimétrica e frágil: nada garante que esse contraste entre as diferenças explícitas e as formas de organização apareça, ou que isso ajude a situar um interesse comum no campo organizacional – e mesmo que esse ponto comum apareça, cada organização irá avaliá-la nos seus próprios termos.

Investigação processual

Uma maneira de lidar com esses limites da investigação pontual é realizar uma investigação processual – para mobilizar os termos de Marx: uma investigação “expandida” ou “desdobrada”. Ao invés de um encontro passageiro, trata-se de uma imersão mais duradoura nas práticas de uma outra organização política. Por um lado, esse tipo de processo investigativo – seja no campo da composição, da interação ou da percepção – ajuda a efetuar o contraste entre a representação que militantes fazem de suas lutas e a estrutura organizacional efetiva que ajudam a construir. Isso porque, ao nos submetermos ao modo de operar de uma organização, passamos a sentir suas restrições e formas de conduta e a entender

melhor porque recortam a realidade de uma certa maneira. Por outro, o preço a pagar por esse contraste mais concreto é que essa forma de investigação é essencialmente assimétrica: é verdade que duas organizações poderiam, a princípio, participar dos processos políticos uma da outra por um tempo – e mesmo assim, essas seriam duas investigações separadas – mas nada garante que isso acontecerá e o mais comum é que uma organização seja exclusivamente o grupo visitante e a outra o grupo anfitrião dessa troca mais duradoura.

Ao mesmo tempo, a investigação processual já começa a dar mais corpo ao campo dos interesses comuns entre organizações. Seja através de experimentos, tecnologias ou enquetes realizadas, torna-se possível utilizar a articulação mais contínua como base para novos encadeamentos entre esses momentos onde algo comum começa a se insinuar. Algumas tensões que antes surgiam dentro da organização anfitriã podem ser desativadas ou retrabalhadas por conta da presença de militantes visitantes, enquanto a presença dessas pessoas, trazendo outras experiências políticas, pode ajudar a organização anfitriã a ter maior sucesso em suas próprias intervenções, bem como acesso à (a uma?) perspectiva popular que talvez não participasse diretamente de seu trabalho de base usual. Tudo isso começa a dar concretude ao valor político da prática comunista.

Em cada uma dessas possibilidades de articulação, no entanto, o fantasma da assimetria sempre ameaça retornar. Onde os efeitos concretos das práticas comunistas não são convincentes ou a distância entre orientação ideológica é grande, a pergunta sempre se insinua: o que esses visitantes querem aqui? Trata-se de entrismo, dupla-militância, de espionagem, de uma tentativa de sabotagem? Onde o ponto de vista comunista não tem concretude, e portanto não se justifica pragmaticamente para os revolucionários, o objetivo das investigações pode sempre ser posto em questão, levantando suspeitas de que, por trás da busca de “interesses comuns”, esteja a promoção de interesses particulares do grupo visitante.

Investigação composicional

Uma maneira de lidar com essa tensão inerente à investigação processual é a forma seguinte que a prática comunista pode tomar, que chamamos de investigação composicional. Não se trata apenas de tentar tornar mais simétrica a investigação processual – até porque, como mencionamos, mesmo que duas organizações diferentes participem das atividades uma da outra de forma duradoura, isso não elimina a assimetria, só a duplica. Ao invés, trata-se do esforço de encontrar, a partir das investigações processuais, núcleos de questões, problemas e desafios que só possam ser tratados caso adotemos o ponto de vista comunista – isto é, pontos onde ou bem existirá um impasse intransponível ou um novo caminho que passa necessariamente pela articulação comum. Retomando novamente a analogia com a teoria do valor de Marx, aqui entramos no campo do “equivalente universal”.

Como a investigação processual, trata-se aqui de um engajamento prático e continuado com outra luta, que inclui a submissão aos seus modos de atuação e organização política – e portanto a diferença entre militantes visitantes e anfitriões. Porém, diferente da forma anterior, a investigação composicional faz isso para aprender onde e como esse outro processo político identifica pontos críticos e problemas que poderiam servir de motivação para articulações com outros movimentos e organizações. Em outras palavras: na investigação composicional, nos articulamos para poder produzir outras articulações. É aqui que os interesses comuns de diferentes frentes de luta proletária começam a ganhar corpo e existência, fundamentando articulações mais profundas, que podem sobreviver ao fim dessa investigação particular, uma vez que se tornam parte da recomposição dessas outras organizações em seus próprios termos. Essa capacidade da tarefa comum de conectar lutas diversas é um exemplo da constituição, mesmo que momentânea, de um “equivalente comum” entre processos políticos diversos.

Não é nada fácil, no entanto, ocupar uma posição em relação a outra organização política que permita a partilha de problemas e desafios. Quando militantes se

oferecem para contribuir com tarefas ou participar de atividades planejadas por outra organização, essa presença estrangeira é circunscrita e, mesmo que seja recebida com suspeita, pode contribuir com recursos que são valiosos, como tempo e energia. Que direito teriam militantes de uma organização política de se envolver com os desafios de outro movimento? Apenas uma coisa distingue esse tipo de articulação política de um processo de instrumentalização de uma luta: o reconhecimento por parte da própria organização “investigada” de que, através de uma possível composição com outros movimentos, ela se aproximaria ainda mais de seus próprios objetivos. A investigação composicional implica portanto uma submissão ainda maior aos ditames práticos de outra organização política – implica dar provas da compreensão de como outro processo político pensa, isto é, como formula seus impasses e avalia o que seriam bons encaminhamentos.

A principal vantagem desse tipo de investigação é que ele ativamente ajuda a construir pontes entre lutas a partir de seus interesses comuns. Oferece, assim, um primeiro horizonte tático e estratégico para a prática comunista, um objetivo que pode ser realizado, avaliado e que deixa um saldo concreto para além da própria investigação, o que começa a transformar a relação assimétrica presente na forma de investigação anterior. Por outro lado, a investigação composicional é incapaz de representar para todas as organizações envolvidas o ponto de vista do “movimento em seu conjunto”: para os comunistas, demos um passo na consolidação de nossa ecologia política, que se tornou mais interdependente e forte, enquanto que, para os demais militantes e organizadores, são seus próprios objetivos políticos que avançaram um pouco mais.

Investigação formativa

Socializar o ponto de vista comunista é o diferencial da última forma de encadeamento político, a investigação formativa. A investigação composicional visa encontrar, dentro dos processos de articulação, aqueles elementos que criam, dentro das organizações anfitriãs, uma disposição própria para avaliar seus interesses comuns com os de outras lutas. Seja porque enquetes com a base

revelam que diferentes organizações já formam, para o povo, um campo comum, seja porque seria impossível para certos grupos autonomistas barrarem um processo de demissões de trabalhadores sem apoio jurídico de um grupo de advogados, envolvidos em outra luta, etc – o próprio horizonte tático da organização em questão começa a se expandir uma vez que, através dessas novas articulações, pode enfrentar percalços antes intransponíveis. Isso não significa, no entanto, que seu horizonte estratégico se alterou – o valor da sua capacidade de articulação e construção comum ainda é medido pelo mesmo critério de antes.

A investigação formativa, por outro lado, é aquela onde a própria visão da luta se altera, a ponto de potencialmente se inverter: ao invés de conceber seus objetivos e pautas particulares como centrais, e a construção comum na qual está emaranhada como um elemento adicional, essa segunda dimensão começa a ter um valor próprio, a ponto de justificar que o esforço de construir articulações transversais é em si um objetivo político importante, que sua estrutura, formas de atuação e sua base podem ajudar a encadear e expandir. Se trata do momento em que essas articulações concretas começam a aparecer, para a própria organização, como índices da existência e força real do movimento revolucionário em sua totalidade.

É crucial notar que isso não significa a formação de militantes de outras organizações em um jargão, programa ou teoria particular, supostamente já defendido pela organização visitante. Como afirmamos repetidamente, nada em nossa abordagem sugere que comunistas pertencem necessariamente a uma mesma organização, ou que pensam usando as mesmas ideias – comunistas são todos aqueles atravessados, em sua prática política, pela contradição entre a realidade de suas lutas particulares e o desafio de construção do movimento revolucionário como um todo. O que a investigação formativa efetivamente faz, assim, não é educar pessoas para se afastarem de suas lutas em nome de uma visão vanguardista geral, mas dar uma forma aos problemas composicionais, de intervenção ou percepção que motive a prática de investigações por cada vez mais

peessoas – isto é, que torne de interesse comum a própria busca por interesses comuns entre organizações políticas.

Como isso se dará é impossível de antecipar – e depende em grande parte da estrutura de cada luta, de como trava seus conflitos com as lógicas sociais, etc – mas onde isso ocorre, criam-se certamente os meios para pensar e construir articulações cada vez mais coerentes, descentralizadas e expansivas entre as lutas. Assim como a “forma-dinheiro” não é apenas um equivalente universal do valor das mercadorias, mas uma forma que contamina a produção de todas as coisas, se tornando o objetivo mesmo da produção, da reprodução social e da natureza, a construção de uma forma-comum, enraizada na materialidade mesma da composição, interação e percepção das lutas, tem o poder de disputar a dominância do capital em todas as esferas, oferecendo meios para reconhecemos o problema comunista da articulação entre diferentes organizações em qualquer lugar que a realidade material se recuse a ceder ao mundo social como ele se apresenta.

Da ecologia política à economia comunista

As diferentes formas de investigação – pontual, processual, composicional e formativa – espelham, de certa maneira, diferentes momentos da forma do valor: acidental, expandida, o equivalente universal e a forma-dinheiro. Isso não significa, evidentemente, que haveria uma similaridade obscura entre mercadoria e luta política – pelo contrário, isso demonstra que, assim como o valor, a propriedade e a afinidade, também a prática comunista, definida pela contradição entre as partes e o todo do movimento revolucionário, precisa considerar como crescer e como conectar avanços políticos entre si, criando espaços cada vez maiores no mundo onde todas as lógicas sociais são submetidas a princípios políticos emancipatórios.

Acontece que, ao longo de todo este livro, nos esforçamos para demonstrar que, em todas as esferas da política revolucionária, existe multiplicidade. No campo das ideias políticas, que surgem da realidade material da sociedade e não respeitam

uma lógica universal. No campo da organização política, onde esses princípios e formas políticas negociam e tensionam arranjos concretos de valor, propriedade e afinidade, criando estruturas organizacionais diversas. No campo da luta política, onde essas diferentes estruturas organizacionais irão produzir conflitos específicos na esfera da composição, da interação e da percepção entre os processos políticos e o mundo à sua volta. No campo do pensamento político, onde as formas de negação do mundo social colocam problemas táticos, estratégicos, logísticos e de mobilização específicos para cada organização emancipatória. No campo da transformação política, onde se disputam diferentes formas de recuos e avanços políticos, bem como orientações revolucionárias distintas. De certa forma, nossa definição da posição contraditória dos comunistas pode ser formulada em termos de uma escolha. Ou bem usamos nossa própria militância e organização política como medida para avaliar todas as lutas – e nesse caso há unidade no campo revolucionário, mas ele é pequeno, e cercado por grupos e movimentos iludidos, ignorantes ou mal intencionados – ou bem adotamos o ponto de vista desse panorama maior – e aí não existe nenhuma unidade no movimento revolucionário, mas seu campo é mais rico, diverso e amplo do que poderia parecer à primeira vista.

Existe, na verdade, uma boa razão de porque optamos, em geral, pela primeira posição, escolhendo medir o todo a partir de nossas próprias lutas. Sendo bem sucintos, é que as próprias lógicas sociais, na medida em que funcionam como as “peças” do quebra-cabeça do mundo social, levam a ideias muito diferentes de universalidade ou totalidade. A ideia de “todo” que decorre da afinidade pode ser paradoxal, pode incluir até o que fica de fora dela, e por isso consegue unificar passado, presente e futuro – é algo cósmico. É bem diferente de como a lógica das cercas constrói um sentido de universalidade: a propriedade tende a separar com um corte seco o que é e o que não é, o que está dentro da totalidade e o que não está, e portanto tende a criar unidades ou blocos no tempo – como eras, dinastias ou regimes que se sucedem. A lógica das margens, por outro lado, dá ensejo a uma totalidade diferente, cujas bordas parecem abertas, como se toda unificação ou totalização permanecesse passível de se transformar em outra coisa – é o que

entendemos no capitalismo como história. As lutas que organizam seus horizontes estratégicos a partir de cada uma dessas lógicas tendem a ter, portanto, visões específicas do que é a totalidade na qual se inserem: lutas pelo resgate de um caminho ancestral, único capaz de nos conectar a um futuro possível; lutas pelo começo de uma nova era política, que deixe o passado para trás; e lutas que visam explorar as brechas da história, forçando suas aberturas. A contradição comunista, nesse sentido, não é vivida pelos militantes de diferentes lutas como uma escolha entre a particularidade e a totalidade, mas como uma tensão entre um todo onde nossa luta específica faz sentido e ilumina o caminho revolucionário e uma visão de conjunto que não garante o sentido prévio de nenhum esforço político.

É por isso que as investigações comunistas não começam “por cima”, isto é, não podem se justificar por conta de um acesso mais fácil à totalidade do movimento revolucionário, uma visão geral que já descortinaria demandas e tarefas adicionais para os diferentes processos políticos. A multiplicidade política influencia até mesmo as concepções dessa “totalidade”. Ao contrário, são as lutas situadas, com suas visões táticas, estratégicas e do mundo político em geral, que melhor visualizam a totalidade onde estão inseridas – mesmo que de forma sempre específica, relativa à sua estrutura organizacional. Não cabe portanto aos comunistas trazer conceitos e imagens que unifiquem tudo o que se passa dentro do movimento revolucionário, mas – talvez paradoxalmente – abdicar dessas imagens e conceitos para melhor encontrar, na realidade material das diferentes organizações, os recursos e motivações para costurar e construir esse espaço comum. Esperamos que isso esclareça porque este livro não constitui tanto um programa político quanto um conjunto de ferramentas para se aproximar das diferentes linguagens e formas de pensamento político que compõem o campo das lutas contemporâneas – a única matéria capaz de dar forma a algo como um programa político comunista real.

Mencionamos de forma muito passageira e enigmática, ao fim do capítulo treze, que há algo no processo de construção comunista que se assemelha à descoberta concreta de um novo modo de produção. Isto é, conectar as lutas e criar novas

formas de interdependência entre elas não seria apenas uma forma de fortalecer as forças revolucionárias em seu confronto com o mundo capitalista: se essa rede também permite que as lutas avancem cada vez mais, integrando mais profundamente a reprodução da vida social às novas formas políticas que promovem, então esse processo não estaria restrito a produzir uma força negativa, de recusa da realidade social vigente, mas também acarretaria uma força afirmativa, a construção de um outro modo possível de nos organizarmos em geral. Essa ideia joga outra luz sobre as investigações comunistas.

Introduzimos a ideia de investigação a partir do modo como os comunistas lidam com as diferentes dimensões da luta política. Articulações entre composições políticas transformam a luta em um experimento que revela aspectos potencialmente impensados das organizações; articulações entre formas de ação criam o campo de tecnologias, tanto para reduzir o custo das intervenções particulares quanto para criar efeitos agregados maiores que a soma das partes; e articulações no campo da percepção permitem que as bases e o pensamento político popular, que não tem porque respeitar as nossas formas de nos apresentar, iluminem e informem as lutas de maneiras inovadoras. Essa maneira de pensar as práticas comunistas já implica um certo princípio, um encaminhamento interessante da contradição que define essa posição: buscar, na realidade concreta das lutas, meios de diminuir os esforços isolados e redundantes, aumentar a cooperação, dar destinos produtivos aos conflitos e enraizar a direção e construção de um movimento revolucionário na força do poder popular. Há, portanto, um princípio econômico em jogo nas articulações promovidas pelas investigações comunistas.

Essa dimensão foi ainda mais reforçada neste capítulo, onde abordamos não apenas a diferença entre formas diferentes de investigação – pontual, processual, compositiva e formativa – mas sugerimos que cada um desses tipos de articulação prepara o terreno para a construção em um grau e amplitude maior. Daí a utilidade de compararmos as investigações à forma do valor: do mesmo jeito que cada momento da lógica do valor constrói uma mediação cada vez mais robusta para integrar as partes do mundo social em uma totalidade capitalista – com o dinheiro

servindo como mediador principal –, a investigação pode ser tratada como um processo através do qual lutas diferentes podem encontrar formas de se concatenar, criando circuitos cada vez mais complexos de interdependência e reforço mútuo. A variedade de formas das investigações corresponde justamente à variedade de formas que precisamos para produzir uma economia comunista a partir das diversas ecologias políticas nas quais as organizações estão necessariamente inseridas.